

Brasil Faz Com Países Socialistas o Melhor Negócio de Sua História

TEXTO NA 3ª PAG.

NR ROMANCE

Iuri Gayárin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Texto na 8ª página

NOVOS RUMOS

ANO III Rio de Janeiro, semana de 30 de junho a 6 de julho de 1961 Nº 121

Jânio Demite 470 Operários da Fábrica Nacional de Motores



São Paulo Aplaudiu de pé o Que o Rio Vai Ver Agora

Texto na 7ª página

Stevenson veio comprar apoio contra Cuba
Texto na 7ª pag.

CUBA: VANGUARDA DOS POVOS DA AMÉRICA

JOVER TELLES esteve em Cuba, a convite do governo de Fidel Castro, para assistir às festas de 1º de Maio. Lá se demorou vários dias. Percorreu quase todos os Estados da República. Visitou fábricas, granjas coletivas, centros de ensino. Palestrou com dirigentes políticos, trabalhadores, jovens milicianos. Estudou diversos aspectos da revolução cubana, problemas já resolvidos e questões que estão sendo enfrentadas. Sobre tudo escreveu uma viva reportagem, que publicaremos em suplemento na próxima edição.

VARIAS seções da Fábrica Nacional de Motores paralizaram o trabalho, quarta-feira última, ao tomar conhecimento que 470 trabalhadores foram sumariamente despedidos pela atual Diretoria da FNM. A dispensa em massa de velhos servidores, alguns com mais de 8 anos de casa, levou milhares de trabalhadores a se concentrar nos escritórios da FNM, numa vigorosa manifestação contra a política desumana do presidente Jânio Quadros e pela imediata readmissão de todos os operários dispensados.

A DEMISSÃO dos 470 trabalhadores da FNM obedece a um plano de redução do pessoal daquela empresa, que pretende dispensar mais 200 empregados, para atender a política de compressão de despesas, em prejuízo dos trabalhadores, que o presidente da República vem pondo em prática. Também na Willys, em São Paulo, 1263 operários já foram dispensados, em consequência da política econômica de Jânio.

Recife e a Defesa Das Liberdades

Carlos Marighella

OS acontecimentos que se desenrolaram no Recife não constituem um fato isolado no atual cenário político brasileiro. Pernambuco é dos Estados do Nordeste aquele em que as contradições de classe são mais agudas e em que os interesses políticos em jogo, principalmente em face das eleições de 1962, são mais intensos.

O NORDESTE é região cobijada pelos imperialistas norte-americanos, que ali exploram riquezas minerais e vegetais e mantêm bases militares, como a de Fernando de Noronha.

AS MASSAS, porém, não estão satisfeitas no Nordeste. Com sua situação de fome e miséria agravada pelas consequências da instrução 204 e vendo o custo de vida continuar subindo de maneira alarmante, já não acreditam nas promessas do governo e procuram organizar-se e lutar em defesa dos seus direitos e reivindicações.

A GREVE dos estudantes do Recife é um sinal dos tempos. Ela surgiu para cobrar do governo federal as promessas de moralização administrativa e de combate à corrupção. Foi um movimento justo, que contou com a simpatia de todo o povo pernambucano. O governo do sr. Jânio Quadros, que tanto fala em moralidade e em compressão de despesas, não hesitou em gastar dezenas de milhões de cruzeiros com a mobilização do Exército, Marinha e Aeronáutica para atacar e violar a autonomia do Estado de Pernambuco e de sua capital, dando como pretexto a repressão a uma greve estudantil.

DURANTE vários dias, tropas militares ocuparam as ruas centrais do Recife. Tanques foram jogados contra o povo. Estudantes

foram espancados. Estabeleceu-se uma censura rigorosa. A Constituição Federal foi desrespeitada e o governo do sr. Jânio Quadros colocou Pernambuco, de fato, sob estado de sítio.

O IV EXÉRCITO sob o comando do general Otávio de Araújo Mota, com a ajuda da polícia do governador Cid Sampaio, efetuou mais de 70 prisões. O fato de terem sido presos, principalmente, dirigentes das Ligas Camponesas, professores e vereadores que recentemente visitaram Cuba, líderes sindicais e dirigentes comunistas, indica que a reação procurou atemorizar o movimento camponês e as forças patrióticas e democráticas. A prefeitura do Recife foi alvo também da fúria da reação, que não logrou realizar seus intentos devido à solidariedade popular ao prefeito da capital e por ter o mesmo feito vigorosa denúncia pública de que estava ameaçado de prisão.

O ATAQUE desfechado contra o povo pernambucano deu-se no mesmo momento em que o embaixador Adlai Stevenson, representante dos Estados Unidos na ONU e emissário do presidente Kennedy, chegava ao Brasil e conferenciava com o presidente Jânio Quadros. Entre os assuntos dessa entrevista figuraram o exame da situação do Nordeste brasileiro e a necessidade da intervenção em Cuba, onde a revolução constitui um espinho na garganta dos Estados Unidos.

A RESPONSABILIDADE do ataque à autonomia de Pernambuco e, por consequente, às liberdades democráticas e da inteira responsabilidade do sr. Jânio Quadros, que para isso se apoiou nos golpistas de 24 de agosto, sobretudo no general Cordeiro de Faria,

chefe do EMFA, e no brigadeiro-do-ar João Adil, comandante da base aérea.

OS ACONTECIMENTOS do Recife revelaram que uma justa greve estudantil não seria o único motivo para a espalhafatosa e dispendiosa mobilização das forças armadas. Mais do que isso, o governo procurou retardar a solução da greve e dar uma demonstração de força, visando a criar um clima de insegurança que justificasse medidas de exceção em todo o país. Para executar uma política econômica-financeira de privação para o povo e de capitulação ante as exigências do Fundo Monetário Internacional, o sr. Jânio Quadros necessita suprimir as liberdades, e, com isso, abafar o livre direito de crítica nos seus atos e impedir a luta de massas. Já dias antes da ocupação de Pernambuco havia estabelecido a censura à "Rádior Jornal do Brasil". São frequentes suas ameaças ao direito de greve, à livre manifestação do pensamento e à liberdade de imprensa.

A LIÇÃO dos acontecimentos do Recife consiste, porém, em que, diante do ataque às liberdades, a primeira coisa que se impõe é a unidade de todas as forças patrióticas e democráticas, o reforçamento e a consolidação da frente única, para fazer voltar atrás o governo, os golpistas e todos quantos ameaçam as conquistas e os direitos conseguidos duramente através de anos a fio de luta. Esta lição é tão verdadeira que o sr. Jânio Quadros ensaiou todos os recursos e manobras possíveis para quebrar a resistência dos que se opõem aos seus propósitos liberticidas. Chegou mesmo a transferir ilegalmente a capital para São Paulo, assanhando que o fazia para fugir à "ratoeira" de Brasília. Procurou, assim, criar artificialmente um clima de

intranquilidade no país e, ao mesmo tempo, dar a entender que estava ele próprio sob a ameaça de um golpe de direita. Com isso pretendia levar as forças patrióticas e democráticas a um recuo, no abandono da luta em defesa do direito de greve e à capitulação ante o ataque às liberdades. Ao invés disso, as forças patrióticas e democráticas — e entre elas, os comunistas — procuraram unirse. Mantiveram-se alertas e não retrocederam. Procuraram defender a autonomia de Pernambuco. Sob esse aspecto, tiveram sua atitude corretamente refletida nas declarações positivas do vice-governador do Estado, sr. Pelópides Silveira.

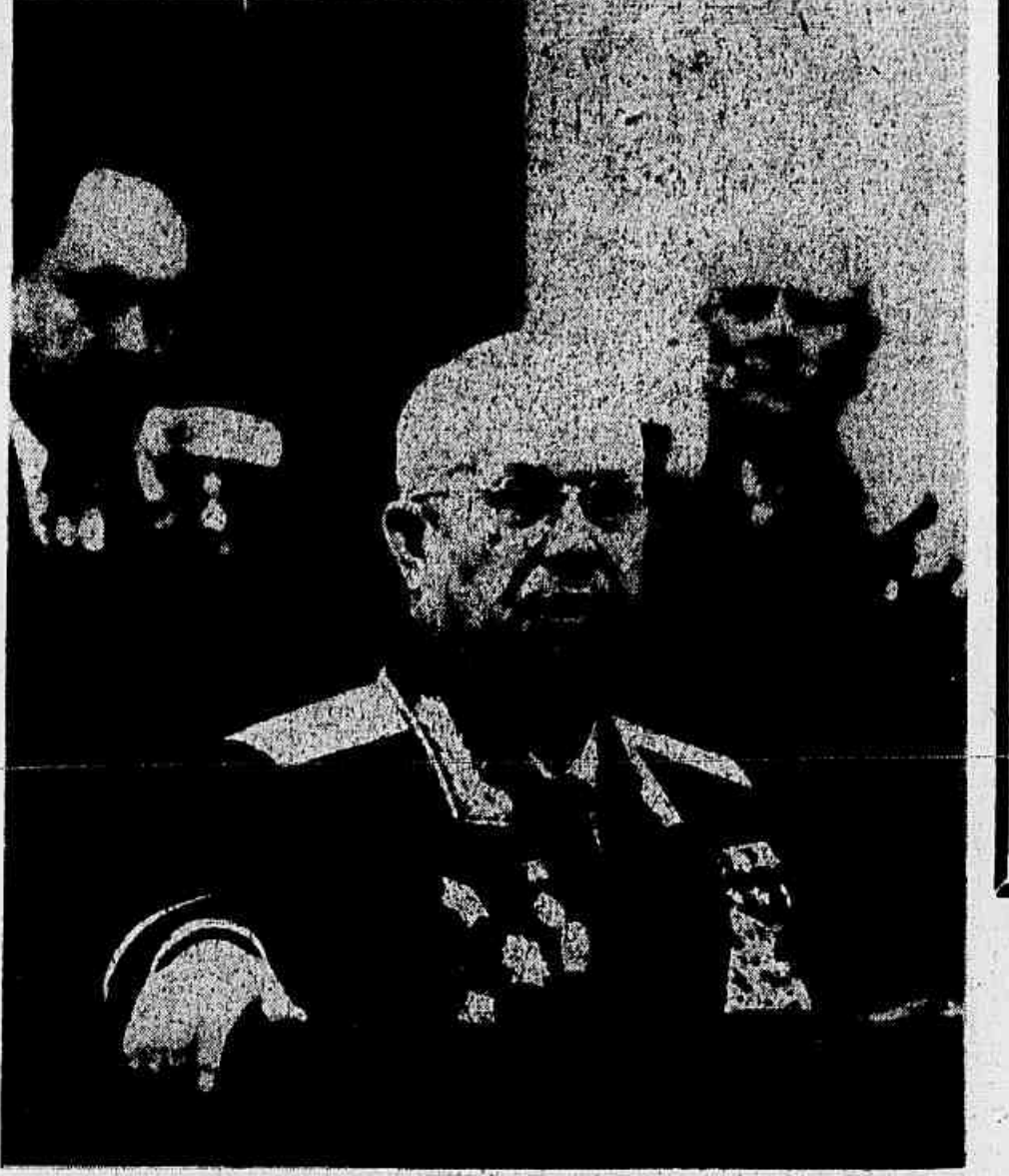
A GREVE estudantil saiu vitoriosa. Os estudantes foram recebidos pelo presidente da República, que até então se recusara a fazê-lo. Foi aberta a sindicância exigida pelos grevistas.

O MOVIMENTO parietista contou com a solidariedade dos demais estudantes do Brasil. Igualmente, deputados federais e estaduais, a Assembleia Legislativa de Pernambuco, a Câmara de Vereadores do Recife e de vários outros municípios em diversos pontos do país solidarizaram-se com o movimento estudantil. O proletariado mobilizou-se em grande importância. A luta ao Recife de uma delegação sindical do Rio e de São Paulo. Graças aos pronunciamentos e iniciativas de várias organizações, os presos foram libertados e as tropas de ocupação se retiraram do Estado.

HOUVE falhas, porém, na solidariedade, que poderia ter sido maior e mais completa. Ela malograra, por exemplo, no caso da defesa das Ligas Camponesas, que tendo sofrido o peso do ataque do governo do sr. Jânio Quadros, e dos golpistas (Conclui na 3ª Página)

Kruschiov: Berlim Representa Perigo de Guerra Que Precisa Ser Eliminado

BERLIM constitui um foco de guerra na Europa. A regulamentação do problema da antiga capital alemã, como o afirmou Kruschiov no discurso que pronunciou em Moscou, no dia 22 último, e do qual a foto ao lado reproduz um momento, contribuirá para aliviar a tensão internacional e criar um clima de paz melhor no mundo. Reportagem na 7ª página.



Niterói, dia 4: concentração na Assembléia

A COMISSÃO Executiva do Conselho Sindical do Estado do Rio e o Conselho Sindical de Niterói lançaram um manifesto conjunto exortando os trabalhadores fluminenses a protestarem contra as recentes ameaças e violências do governo contra as organizações sindicais e de camponeses em diversos pontos do país.

AS DUAS entidades sindicais, ressaltando a necessidade de todo o povo fazer face a tais ameaças, conclama os trabalhadores, sobretudo de Niterói e São Gonçalo, a comparecerem a uma concentração pública em frente à Assembléia Legislativa, dia 4, às 17 horas.

JÂNIO ARROLHA O RÁDIO
4ª pag.

Portuários e Estivadores Unidos Por um Pacto de Ação Conjunta

Texto na 2ª pag.

Lacerda Organizou «Caixinha» Com Propinas do Jôgo do Bicho

TEXTO NA 7ª PAGINA

160 Mil Portuários e Estivadores Unidos Por um Pacto de Ação Comum

João Massena Mello

Encerrou-se solenemente, no último dia 23, no Estado da Guanabara, a reunião dos presidentes dos 45 sindicatos filiados à Federação Nacional dos Portuários, que representa mais de 60 mil tra-

balhadores. Na sede nova da Federação (Santa Luzia, 173) realizaram-se frutíferos debates durante cinco dias, que culminaram com o estabelecimento de um pacto de ação comum entre a Federa-

ção Nacional dos Portuários, Federação Nacional dos Estivadores e União dos Portuários do Brasil, entidades que representam cerca de 160 mil trabalhadores da faixa do país, e que doravante marcharão unidos na luta pelas suas reivindicações comuns.

Compareceram à solenidade de encerramento representantes do Vice-presidente da República; do ministro do Trabalho e Previdência Social; do ministro de Viação e Obras Públicas; deputados federais, representantes do IAPIC e os dirigentes sindicais Osvaldo Pacheco da Federação Nacional dos Estivadores, José Paulo da Silva, da União dos Portuários do Brasil, Roberto Moreira, do Sindicato dos Marceneiros, e outros.

entidades e que tudo faziam para intrigar uma corporação com a outra, mantendo-as divididas, tornando-as alvo fácil dos ataques e manobras dos patrões e do governo.

Mas essas 3 setores vêm despertando cada vez mais para a luta, desenvolvendo sua organização e sua consciência política. A memorável greve da paridade dos portuários autárquicos, a greve nacional dos estivadores em defesa de seus legítimos direitos, a grandiosa demonstração de unidade e coesão dos portuários de Santos, de Recife, etc., são testemunhos eloquentes desse avanço da consciência dos trabalhadores da carga e descarga dos portos.

esses setores tornar efetiva essa unidade em todo o país e em todos os graus de representação. São aproximadamente 150 mil trabalhadores que de agora em diante discutirão desde baixo os seus problemas sob a liderança das Diretorias da Federação Nacional dos Portuários, Federação Nacional dos Estivadores e União dos Portuários do Brasil.

CARTA DE PRINCIPIOS

Mas os presidentes das diversas entidades vinculadas à Federação dos Portuários não se limitaram às questões reivindicativas e orgânicas. Ante o clima que vem sendo criado pelo governo, de ameaças à legalidade democrática, à livre associação e ao direito de greve, o plenário debateu e decidiu aprovar uma Carta de Princípios dos Portuários, cujos termos são os seguintes: 1) Defesa das liberdades democráticas; 2) Defesa do desenvolvimento da Pátria em bases nacionalistas e progressistas; 3) Não tolerância de qualquer intervenção ou interferência na Previdência Social, na atual forma da lei permitindo os colegiados paritários; 4) Não permitir a intervenção de quem quer que seja nas organizações sindicais dos trabalhadores; 5) Luta pela reforma agrária com extensão da legislação social trabalhista ao homem do campo; 6) Ampliação de todas as categorias profissionais em defesa dos interesses dos trabalhadores; 7) Apoio à política externa do governo federal no tocante às negociações comerciais com todos os povos e lutar pela extensão desse intercâmbio às relações diplomáticas e culturais.

Assim é que, exprimindo esse sentimento já amadurecido, o representante de Santos propôs a unidade dos portuários (CLT), portuários autárquicos e estivadores. Não faltou à voz divisionista, mas que sempre desajurou, a família portuária dividida. Mas também desta feita vimos, mais uma vez, agora neste importante setor da classe operária brasileira, a união de sair vitoriosa.

Alcançou-se nas direções o grande sonho dos trabalhadores portuários e estivadores de nosso país: marcharão juntos, sofrerão juntos, juntos estenderão as mãos aos demais trabalhadores, aos industriários, comerciários, marítimos e trabalhadores do transporte terrestre, e juntos sairão vitoriosos de suas lutas reivindicatórias.

Que decisão foi tomada nesse sentido? Aprovou-se um pacto de unidade entre as diretorias da Federação Nacional dos Estivadores, Federação Nacional dos Portuários (portuários regidos pela CLT) e a União dos Portuários do Brasil (portuários autárquicos). Essa foi uma decisão histórica de enorme significação. Cabe agora aos ativistas sindicais

MOTIVOS DA REUNIÃO

A reunião estava sendo aguardada há muito tempo. Era grande a expectativa tanto das entidades vinculadas à Federação Nacional dos Portuários, como das portuárias autárquicas e dos estivadores. A verdade é que as coisas não vinham correndo muito bem na Federação dos Portuários e isso estava acarretando certa apreensão das entidades filiadas que, ante o acúmulo de problemas a serem enfrentados, exigiam um melhor entrosamento entre os vários sindicatos, a dinamização de sua Federação Nacional e a conseqüente ordenação da luta pelas reivindicações de toda a corporação.

Do ponto-de-vista das reivindicações, os problemas postos em discussão giraram em torno dos seguintes itens que, por si só, mostram a significação da reunião: administração da Federação, aumento de salário, unidade com as demais entidades da orla marítima, isto constando do plano geral. Especificando para os portuários assinalavam: férias em dobro, salário-chuva, gratificação de Natal e quinquênios; para os conferentes e consentadores: salário-produção; para os vigias: taxas de serviço e férias.

Em torno desses itens travou-se um longo debate. Foram aprovados por todos os participantes 7 itens, assim discriminados: 1) Material de proteção (conferentes, consentadores e vigias); 2) Abono de Natal (portuários); 3) Quinquênios (portuários); 4) Férias em dobro (portuários); 5) Salário-chuva (portuários); 6) Criação de taxas (vigias) e 7) aumento salarial (Todas as entidades vinculadas à Federação dos Portuários, portuários autárquicos e estivadores).

A UNIDADE

Os trabalhadores que acionam a alavanca da carga e descarga de dentro e de fora dos navios, são representados pela Federação Nacional dos Portuários; Federação Nacional dos Estivadores e União dos Portuários do Brasil, que abrange todos os portuários autárquicos de nosso país. Trata-se, portanto, de uma força ponderável, cujos interesses se entrelaçam a cada momento, determinando a coesão dos 3 setores, um comando unificado. Essa unidade é desejada e existe na prática nos locais de trabalho, na faixa do país onde trabalhadores cruzam caminhos idênticos, dependendo o mesmo esforço físico, submetendo-se às mesmas condições de trabalho. Mas essa unidade foi durante muitos anos impedida pelos «aristocratas» que se encontravam à frente das

companhas empreendidas por talfeiros, culinários e panificadores marítimos pertencessem às fileiras do movimento comunista. Prestes alertou contra a ameaça de intervenção que ronda as entidades de trabalhadores, Roberto Moreira encarareu a necessidade de as organizações sindicais partirem, unidas para a luta pela consecução de sua definitiva autonomia.

OUTROS ORADORES

Lidas várias saudações de organizações irmãs, fizeram-se ouvir diversos oradores. Todos verberaram com energia as tentativas divisionistas e a ameaça de intervenção no movimento sindical e destacaram as duas mais gloriosas páginas das lutas do Sindicato: sua participação na greve antifascista de 1953 e na greve pela paridade, movimentos dos quais a organização foi vanguarda. Falaram: Expedito Borges (da Federação Nacional dos Marítimos), Aguilinaldo Mitrá (sócio fundador do Sindicato), Antônio Pereira Neto (presidente do Sindicato Nacional dos Marinheiros) e Carlos Gomes (representante do Sindicato em Porto Alegre).

PRESTES

Da tribuna o líder comunista Luiz Carlos Prestes transmitiu a homenagem dos comunistas brasileiros ao Sindicato dos Talfeiros e disse da sua satisfação pelo fato de muitos dos mais destacados combatentes das

GALERIA DE HONRA

Em reconhecimento à sua bravura de lutador e à sua atuação na greve da paridade, a associada Elza Acoly foi homenageada com a aposição de seu retrato na Galeria de Honra do Sindicato.

CURSO DE ADMISSÃO

Encerrando a sessão solene, falou o operário Sebastião Luiz dos Santos, em nome da Diretoria. Na ocasião foi anunciada, e muito aplaudida, a criação pela Diretoria do Sindicato de um curso gratuito de preparação aos exames de admissão ao ginásio, a funcionar na sede do Sindicato e destinado aos filhos dos associados e de pessoas amigas.



MESA E ASSISTÊNCIA

Na foto aspecto da mesa que dirigiu a solenidade comemorativa do 30º aniversário do Sindicato dos Talfeiros, e parte da numerosa assistência.

Talfeiros: Festa Dos 30 Anos do Sindicato

Com sua sede (Senador Pompeu, 123) completamente lotada pelos associados e suas famílias, o Sindicato Nacional dos Talfeiros, Culinários e Panificadores Marítimos comemorou, com uma sessão solene seguida de um festivo coquetel, no dia 22 do corrente, o seu trigésimo aniversário de fundação. A festa compareceram dezenas de líderes sindicais de outras categorias de trabalhadores e o ex-senador Luiz Carlos Prestes, que levou aos talfeiros o abraço solidário e de regozijo dos comunistas brasileiros pela efeméride. A solenidade foi presidida pelo operário Pedro Torres, presidente do Sindicato e, ao seu inflexo, foi lida pelo secretário da agremiação, Feliciano Honorato Wanderley, a Ata de fundação da mesma.

CONFERÊNCIA

Após rápido discurso do líder Manoel Lino, sócio fundador e primeiro presidente do Sindicato (o primeiro a ser fundado na orla marítima), a palavra foi passada ao ex-deputado Roberto Moreira, que proferiu uma palestra sobre o movimento sindical no Brasil. Moreira historiou os primeiros passos do movimento operário organizado, rememorou as principais lutas travadas pelas agremiações proletárias em nossa terra e fez um relato das principais conquistas obtidas pela classe operária, ressaltando que as vitórias vieram, invariavelmente, daquelas campanhas e jornadas nas quais a classe atuou unificada e revelando combatividade. Referindo-se à ameaça de intervenção que ronda as entidades de trabalhadores, Roberto Moreira encarareu a necessidade de as organizações sindicais partirem, unidas para a luta pela consecução de sua definitiva autonomia.

“Barnabés” de Todo o País Elegem os Seus Delegados à I Convenção Nacional

Milhares de servidores públicos e autárquicos de todo o país continuam promovendo reuniões preparatórias, debatendo e aprovando as teses a serem apresentadas na I Convenção Nacional dos Servidores Públicos Federais, Autárquicos, Estaduais e Municipais, que se realizará no Estado da Guanabara, de 7 a 10 de julho próximo.

CONVENÇÃO

A Convenção da Guanabara dos servidores públicos será realizada no dia 30 do corrente, a partir das 19 horas, na sede do Sindicato dos Bancários (Av. Presidente Vargas, 502, 2º andar). E, promovida por inúmeras associações de servidores, e o seu objetivo é debater e aprovar as teses da delegação do Estado da Guanabara à Convenção Nacional. Os promotores do conclave dos servidores cariocas estão realizando um amplo trabalho de

mobilização do funcionalismo.

ABONADO O PONTO

Os dirigentes da União Nacional dos Servidores Públicos (UNSP), consegiram, através do ministro do Trabalho, que o presidente da República autorizasse o abono do ponto nos dias 7, 8, 9 e 10 de julho próximo, de todos os funcionários que, como delegados, participarem da Convenção Nacional dos Servidores. A autorização foi publicada no «Diário Oficial» de 8-6-61.

INSTALAÇÃO

As sessões de instalação e de encerramento do conclave serão realizadas no auditório do IAPC, rua México, 128, 10º andar, respectivamente nos dias 7 e 10 de julho. As sessões plenárias terão lugar na sede do Sindicato Nacional dos Aeroviários, na Av. Presidente Wilson, 210, 5º andar.

ADEÇÕES

A Diretoria da UNSP enviou ofício à cerca de 300 entidades representativas de funcionários federais, autárquicos, estaduais e municipais de todo o país, convidando-as a debater os pontos do teor da Convenção Nacional, emitir suas opiniões e enviar os seus representantes ao conclave.

SOLIDARIEDADE

A greve dos empregados da CTN conseguiu de imediato a solidariedade dos mais amplos setores da população paranaense. A justa posição dos paradedistas no que se refere à questão das tarifas, auxílio ou apoio ao movimento. Logo após a greve ser deflagrada, numerosos dirigentes sindicais e de organizações populares se dirigiu ao Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas e Radiotelefônicas, hipotecando o apoio de suas entidades ao movimento. Dentre as entidades que apoiaram a greve estão as Federações dos Bancários e dos Industriários, dos sindicatos dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, dos Trabalhadores na Indústria de Flação e Tecelagem, dos Trabalhadores na Construção Civil, dos Oficiais Marceneiros e dos Bancários.

reivindicações dos «barnabés». Plataforma que possa transformar-se num instrumento capaz de unir o funcionalismo em escala nacional e levá-lo à conquista efetiva das suas reivindicações. E o seguinte o teor do Conclave:

- I — Defesa dos Direitos dos Servidores Públicos:
 - a) horário de trabalho;
 - b) remuneração;
 - c) Plano de Classificação, sua aplicação no âmbito federal e extensão ao âmbito estadual e municipal;
 - d) regulamentação dos direitos estabelecidos no Plano de Classificação tais como: gratificação por risco de vida e saúde, insalubridade, de nível universitário e de tempo integral; readaptação;
 - e) outras reivindicações de interesse dos servidores públicos.
- II — Previdência e Assistência Social:
 - a) participação dos servidores, através de suas Associações, na direção do IPASE;
 - b) seguro de vida e contra acidentes;
 - c) creches e restaurantes nos locais de trabalho e nos conjuntos residenciais;
 - d) armazéns reembolsáveis ou cooperativas;
 - e) assistência médica, odontológica e hospitalar;
 - f) ajuda às entidades de servidores públicos para desenvolvimento de seu programa de atividades sociais;
 - g) colônia de férias;
 - h) empréstimos simples e imobiliário.
- III — Organização Geral dos Servidores Públicos em suas entidades de classe:
 - 1) estudo da organização das associações dos servidores públicos, considerando: a) o seu âmbito de atuação (nacional, regional, estadual, municipal e local); b) as suas finalidades (sociais, recreativas, assistências, reivindicatórias, etc.); c) a sua composição (cética, ou específica dos servidores municipais, estaduais ou federais ou ainda, por Ministério, Departamento, Secretaria, etc., ou por grupo profissional ou funcional); 2) estudo da organização de entidades de grau superior que congreguem as associações: a) federações estaduais; b) Confederação Nacional.
- IV — Organização da UNSP:
 - a) estrutura das seções locais, municipais e estaduais;
 - b) relações entre as seções da UNSP e a sua direção;
 - c) relações entre as seções da UNSP e as demais entidades e Federações.
- V — Imprensa do servidor público: jornal, revista e boletim — sua organização e manutenção.

Paraná: Greve Dos Telefônicos Humilhou Truste e Abriu Caminho Para Encampação

CURITIBA, junho (do Corresponsente) — «Fora o gringo! Colega, não seja covarde, não se entregue ao gringo!» — o piquete de homens e mulheres empunhando cartazes confeccionados às pressas iniciava a batalha de 24 horas que marcou a greve dos empregados da Companhia Telefônica Nacional, Divisão do Paraná, que se estendeu a todo o Estado, comandada pelo presidente do sindicato, Severo Beira, e apoiada pela Federação.

Trinta e dois anos depois que o truste norte-americano que opera no sul do país instalou os primeiros telefones no Paraná, eclodiu a primeira greve dos seus funcionários. Greve por aumento de salários, deflagrada diante da intransigência dos diretores da empresa, que, mais uma vez, tentaram levar os empregados a se submeter a um contrato coletivo de trabalho com condições miseráveis e, ao mesmo tempo, utilizarem-se do motivo para ganhar novo reajustamento de tarifas.

A HISTÓRIA

A greve eclodiu no dia 13 último, após o fracasso das negociações entre patrões e empregados para a assinatura do contrato coletivo de trabalho. A proposta apresentada, a CTN retrucou com uma oferta de aumento salarial de ordem de 50% do pretendido diante da situação irrisória diante da situação e inaceitável. Não acreditavam eles, no primeiro momento, na unidade dos empregados e contavam utilizar com êxito os mesmos processos vergonhosos que durante 32 anos aplicaram para sujeitá-los às suas imposições. A resposta de Curitiba, seguida da adesão imediata dos núcleos das mais importantes cidades do Estado, levou-os a reiniciar as negociações e a concordar com a proposta oferecida pelos empregados.

O movimento em Curitiba foi seguido por 771 funcionários da CTN (o total é de 775). Os quatro fura-greves ficaram presos no interior da sede da Companhia durante as 24 horas, cercados pelas plaquetas que impediam qualquer pessoa de ingressar no edifício. Em Paranaguá, Londrina e outras cidades, não houve uma deserção. A

paralisação foi total, provocando o colapso completo do serviço de comunicações telefônicas no Estado.

A firmeza dos grevistas e a intransigência inicial dos diretores da empresa, provocaram a intervenção Regional do Trabalho no Paraná, do secretário do Trabalho e autoridades estaduais. O movimento foi declarado perfeitamente legal e houve recomendação oficial para que a CTN reiniciasse as negociações com os empregados.

Na noite do dia 14, em reunião efetuada na DRT, realizou-se a reunião que terminaria com a aceitação integral, pelos empregadores, das propostas formuladas pelos funcionários da CTN. O acordo assinado pelas duas partes prevê a concessão de aumentos salariais que vão de 35% (para os que percebiam até 10 mil cruzeiros) até 30% (para os que percebiam de 20 mil cruzeiros para mais), a serem pagos aos empregados que completaram um ano de serviço no dia 1º de junho, pagamento das horas de trabalho durante o período da greve, não punição para os que participaram do movimento e fixação do salário mínimo em 11.160 cruzeiros. Além disso, empregados e empregadores concordaram em discutir para resolver, no prazo de 90 dias, os demais itens do acordo coleti-

vo de trabalho, entre os quais se destacam: férias de 30 dias com abono de 50%, turno de 6 horas para as telefonistas, abono de Natal correspondente a um mês de trabalho, a ser pago até o dia 20 de dezembro, e pagamento obrigatório das horas extras.

A GRANDE CONQUISTA

A greve, por seu turno, agitou de maneira diferente do que vinha ocorrendo anteriormente, a questão da revisão de tarifas. Antes, a cada reajustamento de salário dos empregados da CTN, esta, com ausência das autoridades, conseguia uma majoração exorbitante das tarifas dos telefones. Desta vez, entretanto, a coisa foi diferente. Os empregados realizaram a batalha pelo aumento salarial denunciando que não se sujeitariam às manobras oportunistas tentadas pela empresa. Queriam o aumento mas não permitiriam que se utilizasse a sua luta para promover uma nova escorcha contra o povo. Nas negociações, ficou decidido que a concessão do aumento não implicaria num reajustamento automático das tarifas. O governo estadual, compreendendo as ponderações dos empregados e atendendo aos reclamos da população, exigiu da CTN que permitisse à Comissão Técnica do Estado que rea-

lizasse um exame da situação da Companhia, para verificar o real estado de suas finanças, e resolver da necessidade ou não da concessão do aumento de tarifas.

A GRANDE CONQUISTA

A tarefa a ser empreendida pela primeira vez na CTN, poderá trazer reais benefícios à campanha que já se encerrou no Paraná visando à encampação da sucursal do truste norte-americano, que opera no Brasil.

LIVROS SOBRE CUBA
Que Você pode adquirir pelo REEMBOLSO POSTAL na

Livraria das Bandeiras

Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — S. PAULO

CUBA: A Revolução na América
de Almir Matos 200,00

A Verdade Sobre Cuba
de C. Wright Mills 300,00

26 Julio Cuba Anatomia de Uma Revolução
de Paul M. Sweezy e Leo Huberman 250,00

Sierra Maestra -- A Revolução de Fidel Castro
de Armando Gimenez (2ª edição) 210,00

Cuba Con Toda la Barba
de Alfredo Varela 480,00

Peça-os hoje mesmo pelo Reembolso Postal — Atendemos prontamente

Brasil Faz Com Países Socialistas o Melhor Negócio de Sua História

Pernambuco Estêve Sob Regime de Terror: 70 Prisões

"Dentro dos moldes clássicos e com a devida atenção ao interesse do Brasil, conclui com sete países, em tempo extremamente curto, Acórdos ou Protocolos bilaterais de Comércio, Pagamentos e Cooperação Econômica que permitirão ao Brasil adquirir dois bilhões de dólares em mercadorias, dois quais quinientos e sessenta milhões financiados, nos próximos cinco anos, contra a venda direta de artigos brasileiros." Nestas palavras, constantes do relatório apresentado pelo embaixador João Dantas ao presidente Jânio Quadros e cuja íntegra foi publicada pela imprensa, estão sintetizados os resultados da Missão que, durante cerca de dois meses, percorreu sete países socialistas do Leste europeu.

Trata-se, como se vê de algo sem paralelo na história das relações econômicas do Brasil com o exterior: pela primeira vez são contratadas transações de vul-

to que não implicam na contratação, pelo Brasil de novas dívidas e também pela primeira vez abre-se ao nosso país a possibilidade de comprar elevadas quantidades de equipamentos — às de quinientos milhões de dólares — financiados, para pagamentos não em moedas que para nós são escassas, mas em produtos que o trabalho do nosso povo pode criar sem dificuldades.

Esses resultados brilhantes, que alguns círculos de vinculação facilmente identificável estão tentando diminuir ou mesmo anular, são a resposta ao primeiro esforço sério empreendido pelo Brasil para ampliar efetivamente suas relações econômicas com alguns países socialistas.

POSSIBILIDADES

O relatório do sr. João Dantas aborda diferentes aspectos dos acordos firmados. No que se refere às possibilidades do comércio, afirma o relatório: "A decisão com que, no passado, foram tratadas as possibilidades de comércio com a área socialista encontrava justificativa nos mais variados argumentos. Entre estes podem-se citar: I) motivo político ou de segurança; II) falta de tradição; III) problema de serviço ou reposição de peças de equipamentos importados; IV) insuficiências das exportações brasileiras; V) acumulação de saldos em favor do Brasil nas Contas-Convênio.

O primeiro desses argumentos está agora ultrapassado, enquanto o segundo não resiste à mentalidade progressista dos nossos dias. O terceiro tem sido desmentido pela experiência de outros parceiros ocidentais que cooperaram com o Leste; por outro lado, os países socialistas estão conscientes da importância da competição internacional e se declararam decididos a eliminar as dificuldades porventura existentes. Quanto ao quarto argumento, a estagnação e mesmo regressão das vendas brasileiras ao exterior não condiz com as enormes possibilidades da economia brasileira e deverá ser corrigida pelas medidas governamentais de incentivo prioritário às exportações; ademais, a presença de novos mercados constituirá estímulo para maior agressividade na exportação, bem como poderá trazer ao mercado internacional certas produções até agora dirigidas apenas para o mercado interno brasileiro."

Um dos "argumentos" mais usados pelos que qualificam de inexistentes os acordos assinados pela Missão Dantas é o de que o Brasil não dispõe de mercadorias em quantidade necessárias para atender aos mercados dos países socialistas e, além disso, suprir os novos mercados. Tal alegação, argumenta Jânio Quadros, quando afirmou que aqueles países desejavam do Brasil, em pagamento, produtos que possuíamos ou que facilmente poderemos produzir, encontra uma refuta-

CAFÉ, CACAU, ALGODÃO

ção concreta no relatório do sr. Dantas. Com efeito, afirma o embaixador que "o aumento do intercâmbio com os referidos países levará a estrabir-se substancialmente no café, algodão e cacau, dentre nossos produtos tradicionais."

Ora, no que se refere ao café, o problema é justamente o inverso do alegado pelos que, por ceticismo ou má-fé, fazem da inviabilidade dos acordos: trata-se, isto sim, de encontrar mercado para um excesso de produção. Também no que diz respeito ao algodão e ao cacau não há qualquer dificuldade no sentido de incrementar consideravelmente a sua produção. No caso do algodão, basta mencionar o fato de que, entre as safras de 1938/39 e de 1957/58, a produção nacional aumentou apenas de 23,4, para 27,2 milhões de fardos, isto é, menos de 20% em vinte anos. Mas, que esse aumento poderia ter sido com certeza maior prova-o o fato de que na safra de 1953/54 a produção chegou a 30,4 milhões de fardos. A partir desse ano, não se a tendência e a produção começou a cair. Por que? Culpa da terra? Das condições climáticas? Não. Culpa do "dumping" feito pelo governo dos Estados Unidos da América, que despejou no mercado mundial, a baixos preços, grandes quantidades de algodão que possuía em estoque. Ao Brasil, com a outros produtores subdesenvolvidos, uma vez que não possuía outros mercados além os tradicionais, impôs-se a redução da produção, com grandes prejuízos para a lavoura.

A mesma coisa pode ser dita em relação ao cacau. Frequentemente vemos-nos a braços com excedentes exportáveis sem mercado e assim o problema não é de falta de mercadoria e sim de falta de comprador. Os novos mercados virão, portanto, solucionar o problema e não criar um novo problema, como afirmam certos críticos da Missão Dantas.

Boa-vontade

No curso das negociações levadas a efeito nos países visitados surgiram, como é natural, diversos problemas técnicos, tais como o dos pagamentos, o da garantia contra a desvalorização do dólar (cláusula-ouro), o da paridade das moedas convertíveis e convênio (por diversas razões o dólar-convênio é vendido com uma diferença para menos de 10 12% em relação ao dólar conversível), da incidência de juros sobre as contas-convênio, das taxas de incas de rendas consulares, da reexportação de mercadorias, da cláusula de não mais favorecida, e outros. Não obstante a complexidade dessas questões, mostra o relatório do sr. João Dantas que todas elas foram resolvidas ou tiveram solução encaminhada satisfatoriamente, num espírito de boa vontade, revelando a disposição dos países visitados de negociar efetivamente, com o Brasil.

FINANCIAMENTOS

Passagem a maior importância do relatório Dan-

tas é a que se refere aos financiamentos oferecidos ao Brasil. "Nesse setor — diz o relatório — os resultados me parecem dos mais auspiciosos uma vez que não apenas se conseguiu obter diversos países a quantificação do seu crédito em matéria de crédito no quinquênio, mas também consubstanciar em compromissos formais condições de empréstimo de crédito que agora jamais conseguidas em termos formais. Com isso, a Missão possibilitou a utilização de um volume global de créditos para importações financiadas no valor de 560 milhões de dólares, cifra essa que poderia ser ultrapassada dadas as modalidades do crédito oferecido pela Polónia e à disposição de outros países.

Tendo em devida conta as circunstâncias de aguda competição internacional na concessão de facilidades de crédito, a Missão procurou consignar prazos de financiamento que estivessem em linha com os concedidos ao Brasil por outros países do Ocidente. A maioria dos Acórdos ou Protocolos de Cooperação Econômica prevê financiamentos de 2 a 9 anos a partir da entrega da parte substancial dos equipamentos, e que representa vantagens excepcionais mesmo sobre créditos de prazo mais longo abertos por países da área convertível, uma vez que o reembolso daqueles financiamentos se fará forçosamente pela contrapartida de mercadorias dentro do sistema bilateral de comércio, sem exigibilidade de desembolso em moedas livres. E ainda: «Grande vitória constitui, por outro lado, a fixação de nível de juros a serem cobrados na concessão dos créditos acima referidos, nível esse que foi de 8% e mesmo de 3,5% ao ano, como no caso da Polónia».

PARALELO INEVITAVEL

Nesse ponto, surge um paralelo inevitável entre a Missão Dantas e as dos sr. Moreira Salles (nos Estados Unidos) e Roberto Campos (na Europa ocidental). Enquanto a primeira conseguiu financiamento de vulto que poderá — se os utilizarmos — contribuir para o desenvolvimento do país, as duas últimas não obtiveram sequer um financiamento para projeto específico de desenvolvimento. Poderá dizer-se que os adiantamentos de dívidas, créditos para pagamento de atrasados comerciais e créditos de estabilização, trazendo um alívio imediato ao balanço de pagamentos, influíram indiretamente num sentido favorável às nossas importações. Entretanto, ao mesmo tempo, com a política cambial brasileira, tal alívio significará maiores facilidades para as remessas de capitais

(juros, dividendos, royalties, etc.) pelas empresas estrangeiras.

PREÇOS MAIS BARATOS

O relatório Dantas mostra, ainda, que as vantagens dos acordos firmados está longe de esgotar-se com a possibilidade de novos mercados para os nossos produtos. Também da diversidade de mercados vendedores o Brasil recobra vantagens. O relatório dá um exemplo: os preços de trilhos ferroviários. Comparados os preços oferecidos pela Polónia e pelo truste norte-americano United States Steel, verifica-se que para o Brasil há grandes vantagens em adquirir o produto à Polónia, que apresenta preços mais baixos. Diz o relatório: "Para que melhor se equilebre a vantagem das referidas propostas para a economia brasileira, a aceitação das mesmas, num total de 400 mil toneladas e valor de aproximadamente US\$50 milhões, representaria para a Rede Ferroviária Federal, em virtude da diferença de preços acima demonstrada, uma economia de 5,5 milhões de dólares, a que se poderia acrescentar que, em razão do atual desajuste para as moedas-convênio, a mesma RFF teria uma economia adicional de cerca de 1,3 bilhão de cruzeiros na compra total dos referidos trilhos."

FAZER CUMPRIR OS ACORDOS

A assinatura e a execução dos acordos firmados com os países socialistas poderão constituir-se num importante aspecto da luta pela emancipação econômica do Brasil, da batalha travada pelas forças nacionalistas para arrancar a economia nacional das garras dos monopólios imperialistas. Daí, também, a furiosa oposição que suscitam em determinados círculos de dentro e de fora do governo. Uma vez que não puderam impedir a assinatura dos acordos, tais círculos tudo farão para que eles não passem de letra morta. A campanha capitaneada pelo "Correio da Manhã", "O Estado de S. Paulo" e outros porta-vozes de beneficiários da dependência aos trustes é precisamente nesse sentido. O episódio Leitão da Cunha também não pode ser desvinculado dessa tendência sabotadora dos acordos.

TERROR NO CAMPO

Compreende-se agora os motivos por que o governo — e o sr. Jânio Quadros pessoalmente — tudo fez

A brutal censura imposta à imprensa pernambucana, assim como nos correios e telegrafos, não permitiu que o povo brasileiro tivesse um conhecimento exato do ponto a que chegaram as violências cometidas em Pernambuco, pelo governo do sr. Jânio Quadros, com a cumplicidade do sr. Cid Sampaio, durante os recentes acontecimentos ocorridos no Recife. A verdade é que Pernambuco esteve sob estado de sítio enquanto durou a intervenção militar, ordenada por Jânio e realizada pelo IV Exército, a pretexto de fazer face à greve estudantil.

Para que se tenha uma ideia aproximada da extensão a que atingiram essas violências, basta que se diga que mais de 70 prisões foram feitas naquele Estado, além de dezenas de vazejamentos de domicílios e espancamentos e torturas nos cárceres.

Em Belo Jardim, onde os militares e policiais estiveram na caça dos dirigentes da Liga Camponesa local, foi varreda uma padaria e preso o seu proprietário apenas pelo fato de se chamar o estabelecimento comercial "A Camponesa". No município de Palmares, o prefeito Luiz Portela — proprietário de mais de 3 mil hectares de terra, pastor protestante, líder da Associação dos Fomecedores de Cana e suplente de deputado estadual pelo PSD — teve a sua residência vasculhada e foi intimado a comparecer ao QG do IV Exército apenas por ter ido a Cuba. Em outro município — Goiana — os policiais tinham ordem de prender o prefeito Euzébio Martins, também pelo fato de ter regressado recentemente de Cuba. Como não foi encontrado o prefeito, veio trazido preso para Recife. Em seu lugar, o sr. Antônio Gadelha, unicamente pela circunstância de ser ex-prefeito do município.

OUTRAS PRISÕES

Muitos outros incríveis desmandos foram cometidos durante a intervenção de Pernambuco. Em Goiana foi preso o sr. José Almino de Alencar, primo do prefeito Miguel Arraes, do Recife. O próprio sr. Arraes foi ameaçado de prisão, que só não se consumou devido ao seu enérgico protesto junto ao presidente da Re-

STEVENSON INSISTE: CONFIAMOS EM JÂNIO

Em suas insolentes declarações, feitas nos Estados Unidos, a propósito da recente viagem que empreendeu aos países da América do Sul — viagem que mais parece a inspeção de um feto desconfiado — o embaixador itinerante de Kennedy, sr. Adlai Stevenson, insistiu em confessar que o esforço principal da diplomacia norte-americana neste Continente está orientado no sentido de arrastar os países da América Latina a uma "ação coletiva" contra Cuba.

Falando sem nenhuma preocupação de "guardar conveniências", o sr. Stevenson foi bastante claro: o governo norte-americano está empenhado em suprimir certas resistências que existem nas esferas oficiais a uma intervenção aberta em Cuba. Em função disso, Kennedy lançou a "Aliança para o Progresso", agitando a esfarrapada bandeira de algumas centenas de milhões de dólares que chamaram E como um negociata que, frio e sem escrúpulos, acompanha as fases da barganha em desenvolvimento, afirma Stevenson: quanto aos governos de Jânio Quadros e Frondizi, que ainda falam em autodeterminação, estou certo de que, mais adiante, quando a "Aliança para o Progresso" estiver dando frutos, contaremos também com o seu apoio. Isso depois de rasgar os mais entusiásticos elogios aos dois presidentes — ambos considerados baluartes do "mundo livre".

Vé por aí o povo brasileiro a ameaça que recal sobre o nosso país: para os imperialistas de Washington, o apoio de Jânio a uma nova criminoso invasão de Cuba é apenas questão de tempo e de dólares. Não é imaginação nossa; quem o diz é mister Stevenson.

Enganam-se, porém, esses senhores se pensam que podem arrastar o povo brasileiro a uma agressão contra Cuba por ter este país cometido o "crime" de libertar-se do domínio norte-americano, escolhendo o governo e o regime que mais lhe convém.

Os brasileiros não somente não se deixarão subornar pelas migalhas — ainda que não fossem migalhas! — dos trustes imperialistas sem seu dever de solidariedade do povo cubano, precisamente porque os inimigos por ele derrotados

para impedir qualquer entendimento que pusesse fim à greve estudantil. E que, enquanto se prolongava, o clima artificial de agitação, determinado pela intranquilidade do sr. Bortolano Neto e do governo, as forças de intervenção desencadeavam verdadeira onda de terror no Estado, atingindo principalmente os camponeses e suas Ligas. Foram exatamente membros das Ligas as prisões feitas em maior número, sobretudo dos lavradores que participaram da delegação que, encabeçada por vários parlamentares, esteve há pouco tempo em Cuba.

Diversos presidentes das Ligas em numerosos municípios foram presos e trazidos à força para o Recife. Isso aconteceu com Manuel Rodrigues, presidente da Liga Camponesa de Goiana; José Guedes, presidente da Liga de Itararé; José Eduardo, presidente da Liga de Água Preta, que está em Cuba; o sr. Antônio Costa Pereira, do Partido Socialista Brasileiro e advogado da Liga Camponesa de S. Bento do Una. Foram ainda presos, em diferentes municípios, outros dirigentes das Ligas Camponesas.

Outro alvo preferido das violências foram as pessoas que participaram das últimas delegações a Cuba. Entre elas estiveram o vereador Francisco Canilide, e o dentista Wilson Pôrto, de Arcoverde, o vereador Aderico de Vasconcelos e o farmacêutico Anibal, de Goiana, o vereador e secretário da Prefeitura de Palmares, Severino Aguiar, além de outras pessoas, presas sob a única alegação de terem visitado Cuba.

AJUDA A NOVOS RUMOS

Esta semana, recebemos e agradecemos as seguintes contribuições:

João de Souza Rêgo (Capelina de Chumbo) — MG	1 000,00
Amigos de Padre Miguel (Rio)	500,00
Contribuinte (Rio)	300,00
Uberlândia (Minas)	60,00
Intelectuais (Curitiba)	1 500,00
Árabes progressistas (Curitiba)	500,00
Amiga (Rio)	50,00
Bangu I (Rio)	1 170,00
Amigo (Jandala do Sul, Paraná)	500,00
Jamil Sirhal (Jandala do Sul)	1 000,00
Mariola (Bonsucesso)	500,00
9 Amigos de Frutal (Minas)	1 050,00
H. Pinheiro (Rio)	500,00
Unidos do Flamengo (Rio)	400,00
Luíza Beatriz	400,00

Nota Econômica

Josef Almeida

Nota Econômica

No momento em que a divulgação dos acordos firmados pela Missão Dantas traz o comércio Leste-Oeste para o centro dos debates, é oportuno divulgar trechos de um importante depoimento a respeito do assunto. Trata-se de uma conferência pronunciada em fevereiro último, na Câmara Americana de Comércio, em Londres, por Sir George Bolton, presidente do Bank of London & South American.

Inicialmente, o banqueiro inglês menciona o fato de que muitos observadores do cenário internacional mostram-se acordos em que, como resultado de uma série de decisões tomadas no passado, surgiram certas forças que talvez produzam uma considerável redução do comércio mundial. Entre os fatores que atuam no sentido da contração do comércio entre os países capitalistas, Sir George Bolton inclui a baixa dos preços das matérias-primas, o que obriga os países que as produzem a reduzir suas importações; a impossibilidade dos Estados Unidos de continuar aumentando suas obrigações externas, tendo pelo contrário, que reduzi-las, sob a pressão das atuais circunstâncias; finalmente, o término do período de reconstrução e a mudança dos consumidores dos países industrializados da Europa Ocidental está, em geral, satisfeita.

Em seguida, passando ao tema da conferência, propriamente, o presidente do "Bank of London" declara: "Todos os que, na Europa Ocidental, não estamos obcecados por preconceitos políticos, compreendemos os benefícios que decorrem de uma expansão das relações comerciais com a URSS e seus aliados europeus. Parece-me um pessimismo excessivo supor que qualquer contato com os referidos países redundará exclusivamente em seu benefício. E faz, então, esta observação bastante realista: «As restrições estabelecidas pelos países ocidentais ao seu comércio com a Europa Oriental constituíram uma

Recife e a Defesa Das Liberdades

(Conclusão da 1.ª página) em que ele se apoiou, deveriam ter merecido a principal atenção do movimento de solidariedade.

O GOVERNO do sr. Jânio Quadros sofreu com os acontecimentos do Recife sério desgaste. Ficou patente que tão monstruosa ataca às liberdades democráticas partiu de quem, ao candidatar-se a sucessor presidencial, prometeu amplas liberdades ao povo e à legalidade para o Partido Comunista.

TENDO terminado num a derrota para o governo federal e os golpistas, bem como para o governo do sr. Cid Sampaio, que apoiou abertamente a intervenção em seu próprio Estado, os acontecimentos do Recife continuam a exigir um severo exame das forças patrióticas e democráticas. É necessário que estas se mantenham unidas e atentas para a eventualidade da repetição de quaisquer acontecimentos e atos semelhantes.

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

"Os comunistas do Paraná tornam público que Alirio Cláudio Uhlmann, residente na cidade de Paranavai, não mais pertence às fileiras do movimento comunista, em vista de ter praticado atos incompatíveis com a condição de comunista"

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

"Os comunistas do Paraná tornam público que Alirio Cláudio Uhlmann, residente na cidade de Paranavai, não mais pertence às fileiras do movimento comunista, em vista de ter praticado atos incompatíveis com a condição de comunista"

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

"Os comunistas do Paraná tornam público que Alirio Cláudio Uhlmann, residente na cidade de Paranavai, não mais pertence às fileiras do movimento comunista, em vista de ter praticado atos incompatíveis com a condição de comunista"

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

"Os comunistas do Paraná tornam público que Alirio Cláudio Uhlmann, residente na cidade de Paranavai, não mais pertence às fileiras do movimento comunista, em vista de ter praticado atos incompatíveis com a condição de comunista"

Nota Econômica
Josef Almeida

O Bank of London e o Comércio Leste-Oeste

RÁDIO DE MOSCOU
TRANSMISSÕES PARA O BRASIL

Ondas:	Frequências:
25 metros	11,87 megacíclos
	11,92 "
31 metros	9,47 megacíclos
	9,78 "
	9,8 "
	11,75 "
	11,79 "
41 metros	7,215 megacíclos
	7,37 "

Recife e a Defesa Das Liberdades

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

Alirio Cláudio Não é Comunista

Recebemos com pedido de publicação a seguinte nota:

Fora de Rumo
Paulo Motta Lima

Nota Econômica
Josef Almeida

O Bank of London e o Comércio Leste-Oeste

RÁDIO DE MOSCOU
TRANSMISSÕES PARA O BRASIL

Recife e a Defesa Das Liberdades

Alirio Cláudio Não é Comunista

CONVOCACAO A II CONFERENCIA DOS LAVRADORES FLUMINENSES



São João foi o dono da festa em junho

De Norte a Sul do Brasil a garotada festejou ruidosamente a quadra junina, soltando fogos de artifício, pulando fogueira, saboreando batata assada e soltando balões, dando continuidade a uma das mais autênticas festas populares brasileiras. No interior do país, particularmente nas pequenas cidades, as festas em honra de São

Antônio, São Pedro e São João absorvem quase que inteiramente a vida das comunidades, com velhos, mocós e crianças procurando "adivinhar o futuro" através das "sortes", ou "passando fogueira" em íngenuo ritual que os transforma em "primos", "noivos", etc.

Lavradores de Iguatu: a Terra Deve Ser Nossa

FORTALEZA (do Correspondente) — Centenas de rendeiros, meeiros, diaristas e pequenos agricultores esta-

rão reunidos, na cidade de Iguatu, no próximo dia 9 de julho, para a fundação de uma poderosa associação camponesa.

CONGRESSO DOS ESTUDANTES DO PARANÁ

A União Paranaense de Estudantes Secundários fará realizar em Curitiba de 3 a 8 de julho próximo o XIII Congresso de Estudantes Secundários do Paraná. A reunião discutirá o seguinte Te-

ma: Problemas Nacionais: — Reforma Agrária; Petrobrás; Eletrobrás; O I.B.C. e a política do café; Instrução 204; Instrução 205; PROBLEMAS DO ENSINO: — distribuição de bolsas de estudos e complementação; antídotes escolares; Projeto de Lei 2222 e a não valorização do ensino; padronização do livro didático; PROBLEMA DOS MUNICIPIOS: — Encampação da C. T. N.; Encampação da Força e Luz; PROBLEMAS ESTADUAIS: — Projeto Léo de Almeida.

O caráter festivo do Congresso será dado pelo Concurso de Oratória e pelo Concurso da Rainha dos Estudantes.

O Congresso elegerá a nova diretoria para a próxima gestão.

MANIFESTO

A Comissão Organizadora da Associação dos Lavradores de Iguatu vem de lançar vibrante manifesto a todos os camponeses do Município, concitando-os a cerrarem fileiras em torno da A.L.M.A., reforçando assim o considerável apoio já emprestado por mais de quinhentos trabalhadores do campo. Nesse manifesto a Comissão Organizadora diz: — A tua bandeira é a bandeira da Reforma Agrária. A terra deve ser de quem nela trabalha. A nossa bandeira é a bandeira dos que acham que a terra é sua e os juros cobrados pelos donos de terra, é um roubo, que deve ser criada uma lei que proíba esse roubo. Já pensou alguma vez, trabalhador amigo, que tuas diárias não dão sequer para o alimento de teus filhos, e o teu patrão sempre faz boas farras a tua custa? Já fizeste a conta de quanto apurou nas rendas do algodão, do milho e outros produtos que tu pagastes? Que estas dariam para sustentares teus filhos na escola, comprar remédios, roupas e calçados para tua família? Pensa nisso, meu amigo, e verás que isto não pode continuar, os rios cada dia ficando mais ríscos e os poços ficando mais secos. Luta! luta! luta! Luta contra isto, Luta contra esta miséria. O nosso combate é o caminho da União. Unamos-nos como os apóstolos do século XV, como os apóstolos de hoje. Vamos dar o exemplo e dar a marcha

do, em fortes associações camponesas. Ingressa, pois, na tua associação camponesa, convida o teu parente, o teu vizinho, a tua mulher.

IRRIGAÇÃO

Mais adiante, diz o Manifesto: — Existe um projeto de Lei de Irrigação no Congresso Nacional, para ser aprovado. Os donos das terras dos açudes públicos estão lutando contra a aprovação do referido projeto.

— Sabes porque? Porque essa Lei manda o Governo locar e arrendar as terras das bacias dos açudes, feitos com o dinheiro do povo, aos agricultores sem terra. Devemos lutar pela aprovação dessa Lei, como também por outras que obriguem os coronéis donos de terras a pagar o salário mínimo igual ao dos operários das cidades, de outras Leis que dêem direito à indenização em caso de expulsão da terra e que obriguem aos donos de terras a assinarem contratos de arrendamento.

O manifesto termina levantando vivas à união dos camponeses em suas associações, clamando pela aprovação da Lei de Irrigação do Nordeste, pela extensão da legislação trabalhista aos trabalhadores do campo.

ESTUDANTES MARANHENSES EM GREVE

Liderados pelo Diretorio Acadêmico Osvaldo Cruz, estudantes maranhenses de Odontologia acabam de declarar-se em greve geral.

O movimento foi delatado em virtude de terem aqueles estudantes considerado arbitrariamente a medicina tomada pelo catedrático de Ortodontia e Odontopediatria, prof. Joaquim Alexandre, reprovando o ato dos treze alunos da turma do terceiro ano de Odontologia, aos quais atribuiu notas superiores nos trabalhos práticos.

Os grevistas telegrafaram à UNE para que interva junto as autoridades competentes a fim de que lhes sejam prorrogadas as provas práticas enquanto estiverem no judiciário.

A Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio de Janeiro acaba de lançar um manifesto convocando a II Conferência Estadual dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Fluminenses. O congresso se realizará de 15 a 17 de setembro vindouro, em Nilópolis. A Conferência já recebeu o apoio do Conselho Sindical Fluminense, cujas entidades filiadas se com-

prometeram a dar toda a assistência possível ao trabalho de organização do nome do campo e a luta pelas suas reivindicações.

PROGRAMA

Salienta o manifesto de convocação: — "A Federação julga necessário debater e resolver, especificamente, nesta Conferência, os problemas e re-

vindicações mais sentidas e urgentes de forma concreta, a fim de que, desta reunião, saiam os lavradores e trabalhadores agrícolas e suas respectivas associações com um programa de ação e uma linha de conduta que os conduza na prática a obter a conquista e a reivindicação dos direitos nas resoluções que deverão ser aprovadas".

REUNIÕES

No mesmo manifesto, a Federação faz um apelo a todas as associações de lavradores e trabalhadores agrícolas para que convoquem suas conferências distritais e municipais e debatam os problemas relativos ao temário do conclave e elejam os seus representantes à II Conferência.

TEMARIO

- 1) Situação dos lavradores e trabalhadores agrícolas do Estado do Rio de Janeiro em relação às suas reivindicações e direitos;
2) Aplicação do Plano de Colonização e Aproveitamento das Terras Devolutas e Próprias do Estado, liberação e proteção das terras disponíveis e ocupadas — cadastro — critério e sistema — processos de distribuição e administração das terras — assistência social e de crédito — cooperativismo;
3) Legislação agrária e estrutura rural brasileira;
4) Unidade e organização dos lavradores e trabalhadores agrícolas do Estado do Rio de Janeiro — associações, clubes e organização sindical rural.

I Convenção decide Mobilização Dos Capixabas Para a Campanha Salarial

VITÓRIA, junho — (do Correspondente) — O Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado do Espírito Santo promoveu, nos dias 10 e 11 do corrente, a realização da I Convenção Estadual pela Campanha do Custo de Vida e da Defesa da Previdência Social. Os líderes sindicais capixabas julgaram de grande oportunidade a discussão desses dois problemas específicos, e o estabelecimento de pontos-de-vista comuns sobre esses dois assuntos a fim de permitir-lhes uma melhor mobilização dos trabalhadores de todas as categorias profissionais.

A Convenção reuniu 194 delegados, representando 37 sindicatos, sendo de se salientar ainda a participação de representantes de uma Federação regional, de duas Federações nacionais, de uma Confederação, da Associação dos Lavradores e de entidades sindicais — Minas Gerais.

AUMENTO DE SALÁRIOS

Os convencionais decidiram ratificar as resoluções do II Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais realizado em Belo Horizonte sobre salário profissional, escala móvel de salários, etc., ao mesmo tempo que resolveram iniciar uma luta imediata pela revisão dos atuais níveis salariais e pela equiparação do salário mínimo do Espírito Santo ao mínimo das regiões da Guanabara, São Paulo e Minas Gerais.

CUSTO DE VIDA

Quando ao problema do custo de vida, os capixabas resolveram lutar pela adoção das seguintes medidas: a) isentar os produtos de primeira necessidade do imposto de vendas e suas designações; b) redução de 50% no preço do café moído vendido pelo IBC; c) intensificar a criação das felras livres em todo o Estado com isenção dos impostos e efetiva fiscalização, propondo-nos ao consumidor a aquisição de gêneros diretamente de cooperativas de consumo dos trabalhadores.

INTERVENÇÃO

— Nas questões relacionadas com a Previdência Social, os trabalhadores do Espírito Santo decidiram: a) lutar contra qualquer intervenção ou interferência estranha na Previdência Social e pelo respeito às direções colegiadas dos IAPs; b) defender intransigentemente a Lei Orgânica da Previdência Social; b) lutar contra a pretendida criação do Instituto Nacional de Habitação, pelas razões seguintes: 1 — a existência da Fundação da Casa Popular; 2 — cartelas imobiliárias dos IAPs.

EDUARDO CARVALHO

Faleceu na cidade de Estrela (RS), dia 14 o velho militante comunista Eduardo Carvalho, vitimado por mal súbito. Ferroviário, natural de Alegrete, onde nasceu a 24 de agosto de 1894. Eduardo Carvalho era um espírito fraterno e jovial, o que o tornou muito querido entre todos que tiveram oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Seu corpo foi transportado para Porto Alegre, onde foi sepultado. Falou na ocasião seu grande amigo e camarada Walter Santana Nunes, o falecido deixa viúva, sr. Carmelita Carvalho.

EMPREGADOS NO COMERCIO DE NOVA IGUAÇU: POSSE NO SINDICATO

Foi empossado domingo, dia 25 a primeira diretoria eleita do Sindicato dos Empregados no Comércio de Nova Iguaçu, tendo à frente, na presidência o sr. Wandelson Coelho de Oliveira. O ato, que contou com a presença de uma delegação do governador César Peçanha, que deu posse aos

Subsidiária da Hanna Anuncia Desemprego Para 3 Mil Mineiros

A Comissão Parlamentar de Inquérito sobre Problemas do Ferro e Manganês esteve reunida no Rio de Janeiro nos primeiros dias deste mês, tendo ouvido entre outros o depoimento do sr. Fernando Melo Viana, diretor de uma das subsidiárias da Hanna, a Mineração Morro Velho S. A. Con-

firma esse depoimento a ameaça de fechamento da velha mina de ouro de Morro Velho e o desemprego para quase 5.000 mineiros e suas famílias, bem como o fato de que a Hanna continua pressionando no sentido de tomar conta do minério de ferro de Minas Gerais.

DESEMPREGO

Confirmou o diretor da Morro Velho aos parlamentares que já começou a dispensa de funcionários da companhia, conforme foi denunciado por este jornal há vários meses. Mais ainda, informou que uma condição fundamental para que ele se decidisse a comprar os 19.200 hectares de terra e propriedades da antiga "St. John Del Rey Mining Company" foi precisamente a possibilidade de por em execução "um plano técnico econômico elaborado por especialistas contratados para esse fim, com larga experiência no Canadá, África do Sul e EUA de exploração racional da mina e

de adoção de novos processos de apuração do ouro e que uma vez executado deveria transformar seu déficit mensal de Cr\$ 14 milhões em superavit de Cr\$ 21 milhões mensais. Nesse plano a produção se manteria nos mesmos níveis, mas a despesa decresceria enormemente devido, principalmente, ao fato de que deveriam ser dispensados 3.000 operários. (De 4.831 passaram a 1.831 operários). E acrescentou o sr. Melo Viana: — O que constituiria exatamente a dificuldade máxima de execução do plano por uma Companhia estrangeira"

FATOS E PROMESSA

Segundo o sr. Melo Viana, a "Mineração Morro Velho" já iniciou isto que seria mais difícil para uma companhia estrangeira: a dispensa de mais de 60% de seus funcionários. Ao mesmo tempo, procurando atenuar a justa revolta contra esse fato que denuncia o fechamento da mina de ouro, o diretor da Morro Ve-

Povo Cearense Conhece a Verdade Sobre Cuba

FORTALEZA (do Correspondente) — Os treze delegados cearenses que participaram recentemente das grandes festas de 1.º de maio em Havana e que visitaram as diversas províncias de Cuba observando as realizações do Governo Revolucionário, estão agora transmitindo aos trabalhadores, estudantes, camponeses, e ao povo do Ceará, as magníficas impressões recolhidas em três semanas de permanência em Cuba.

PALESTRAS

Numerosas palestras já foram realizadas pelos membros da comitiva que esteve em Cuba. O sr. Antônio Queiroz, presidente do Sindicato dos Hoteliers de Fortaleza, fez palestras na sede do seu Sindicato, na Associação 1.º de Maio e na cidade de Sobral; O sr. José de Moura Belezza, presidente do Sindicato dos Bancários de Fortaleza, fez uma conferência no Colégio 7 de Setembro, para mais de quinhentos estudantes, além de uma movimentada sabinata no seu sindicato para centenas de bancários fortalezenses; O sr. Francisco de Parias Melo, presidente do Sindicato dos Motoristas de Fortaleza, falou para mais de cem trabalhadores na sede do seu sindicato e fez uma palestra na sede da União dos Sanitaristas do Ceará, seguida de uma sabinata. O sr. José Leandro Bezerra, secretário geral da FALTAC (Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará) fez palestras no Sindicato dos Pescadores, no Sindicato dos Bancários, na Associação Camponesa de Padre André e na Associação de Lavradores de Pajuçara; O jornalista Edmundo Gilhion comandou movimentada sabinata com os moradores do bairro proletário de São João do Terço, em Fortaleza; A lider feminista Inês-

silvia Teixeira fez brilhante conferência perante o plenário do Congresso Estadual dos Estudantes, submetendo-se em seguida a uma das mais agitadas e vivas sabinatas de quantas têm sido realizadas na União Estadual dos Estudantes do Ceará. Também fez palestras em várias associações de bairro de Fortaleza; O jornalista Luciano Barreira fez duas conferências em Quixadá, uma na cidade e outra para os camponeses da Fazenda Oliveira, além de uma palestra pronunciada na "Associação dos Servidores Públicos Estaduais do Ceará".

Numerosas outras conferências, palestras e sabinatas estão programadas para os próximos dias, tanto em Fortaleza como em lugares do interior.

AMIZADE A CUBA

A delegação cearense que esteve em Cuba, juntamente com outras personalidades sindicais, estudantis, deputados e vereadores, constituiu-se em Comissão Organizadora da Sociedade Cearense de Amizade a Cuba, a ser instalada dentro de algumas semanas, em Fortaleza, em grande ato público.

A Comissão organizadora de Desembargador Osny Duarte Pereira, convidando a abrigar em sua casa o ato de instalação da Sociedade.

Paralelamente, a Hanna continua pressionando a Central para que transporte o seu minério de ferro, inclusive com tarifas mais baixas que as vigentes, e o sr. Melo Viana voltou a repetir no seu depoimento que somente uma ferrovia e um porto especializado permitiriam a exportação de minério de ferro em larga escala. Embora o Conselho de Segurança Nacional já tenha se manifestado contra o Projeto Hanna, particularmente contra a concessão de um porto exclusivo, embora a Comissão Parlamentar de Inquérito esteja agora funcionando, os manobras do poderoso truste continuam e pressionam ser vividas, no Parlamento, a nomeação de Jânio Quadros para estudar medidas de fomento à exportação, a abertura de um caminho férreo de produção e exportação do minério de ferro por formas particulares. Contudo, lembrar que já o Grupo de Esportação de Minério de Ferro do Conselho do Desenvolvimento, tem como coordenador um defensor e amigo da Hanna, o sr. João Baptista Pinheiro, membro da CONSUPTEC, órgão de "assessoria técnica" elaborador do projeto Hanna.

NR ROMANCE

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

16 — Pois vocês, meninos, devem estudar assim, tão bem como ele — disse Nina Vassilievna.

Meus colegas desenhavam retratos de Vladimir Ilitch e dedicavam versos. Muitos faziam desenhos e composições. Quanto a mim, não demonstrava tendência neste sentido: gostava sobretudo de aritmética. A escola era boa e eu tinha alguns colegas. Muitos deles haviam perdido o pai na guerra e muitos outros eram orfãos de pai e mãe. Cada um tinha conhecido os horrores da guerra, visto as misérias praticadas pelos ocupantes, tinham sofrido as agruras da fome e perseguições; e tudo isto era impossível esquecer ou perdoar. E com o correr do tempo as crianças ficaram adultas.

Transcorreram dois anos, prestei os meus primeiros exames em língua russa e aritmética e fui transferido a outra escola, na quinta classe. Ai ingressei na organização dos pioneiros. Na Casa dos Pioneiros participávamos de uma orquestra, estudávamos dramaturgia, passávamos a participar das representações escolares.

Nessa época, calu-me às mãos um livro que me influenciou para o resto da vida. Era um conto de Leão Tolstói — "O prisioneiro do Cáucaso". Agradei-me muitíssimo a figura do oficial russo Jilin, sua firmeza e coragem, um homem como não se encontra em lugar nenhum. Ao cair prisioneiro, ele fugiu e ainda ajudou a fugir Kostilin, homem de vontade fraca. A tartara Dina também era encantadora. Ao reler o conto, eu falava constantemente de seus heróis às pessoas conhecidas. E uma vez que meu irmão Valentim também fugira da prisão, eu encontrava nele traços que me atraíam em Jilin.

Nossa professora de literatura russa era Olga Stepanova Raévskaja, a diretora de nossa classe, mulher atenciosa e solícita. Havia nela qualquer coisa de minha mãe exigente e carinhosa, enérgica e bon-

17

dosa. Ela nos ensinava a amar a língua russa, a respeitar os livros, a interpretar o texto. Foi ela quem nos ensinou como trabalhavam Puchkin e Lérmontov, como eles foram mortos em duélos, como era Gogol, como Byron escreveu suas fábulas. Nos dedicávamos Maximo Gorki: "O albatroz grita, semelhante a um relampago na escuridão, como uma flecha penetra as nuvens, levanta com as asas a espuma das ondas".

Meninos e meninas estudavam juntos. Nessa classe era amiga e unida. Na sexta classe fui escolhido seu dirigente. Fiz então amizade, e ainda hoje continuo amigo, da Valia Petrov e Jenin Vassiliev. Eramos bons camaradas, ajudávamos uns aos outros a preparar as lições. Em Gjatisk, Petrov trabalha hoje como técnico em madeiras, na estação de consertos técnicos. Quanto a Vassiliev, que se encontrava em algum lugar de Moscou, e necessário procurá-lo sem falta. Também era nossa amiga Tônia Durásnova, delicada, compreensiva, de grandes e claros olhos. Hoje, trabalha como vendedora de um dos magazines de Gjatisk.

Nosso mestre de física chamava-se Liev Nikálovitch Bepálov, homem interessantíssimo. Tinha vindo do exército e de vez em quando envergava a farda de militar apenas sem as ombreiras. Durante a guerra tinha servido numa unidade da aviação, ora como piloto, ora como radiotelegrafista-metralhador. Andava pelos trinta anos, mas por sua fisionomia podia-se compreender que era um homem bastante vivido.

Liev Nikálovitch, num pequeno laboratório de física, fazia experiências diante de nós que pareciam bruxarias. Enchia uma garrafa com água, colocava no gelo e a garrafa explodia como uma granada. Ou passava um pente pelo cabelo, e nós ouvíamos o ruído e víamos sair faíscas azuladas. Ele conse-

18

gua interessar a meninada e nós aprendíamos as leis físicas com tanta facilidade como se se tratasse de versos. Sabíamos que haveria sempre uma novidade em cada uma de suas aulas, algo interessante, empolgante. Familiarizou-nos com o compasso, com as máquinas elétricas mais simples. Por ele víamos a saber como a queda de uma maçã tinha ajudado Newton a descobrir a lei da atração universal. Então, naturalmente, eu nem podia supor que caberia a mim entrar na luta com a natureza e vencer a força dessa lei desprender-me da terra, mas pressentimentos imprecisos já então nasciam em mim.

Na escola, os pioneiros tinham organizado um círculo de estudos técnicos. Seu inspirador foi Liev Mikálovitch. Fazíamos aeromodelismo, pequenos motores de gasolina, que ligávamos na fuselagem e, com uma prégavamos as asas. Que alegria a nossa quando esse modelo de avião subiu aos ares. E nossa alegria foi partilhada por Zinaida Aleksandrovna Komarova, nossa professora de matemática, e por Irina Dmitrievna Troitskaia, deputada do Soviete Supremo da URSS. Enquanto Liev Nikálovitch dizia quase sério:

— Sêde aviadores, rapazes!

II — NAS FILEIRAS DA CLASSE OPERÁRIA

Ao terminar em Gjatisk a sexta classe da escola média, comeci a pensar no futuro. Queria, naturalmente, continuar estudando. Mas sabia que meu pai e minha mãe não me podiam dar instrução superior. O salário deles não era grande coisa e nossa família constituía-se de seis pessoas. Acreditava seriamente que, de início, eu deveria dominar um ofício qualquer, qualificar-me profissionalmente, entrar para uma fábrica e, então, depois, continuar os estudos. Assim o havia feito a geração anterior, os que construíram Dniéprogués e Magnitka, os que lança-

19

ram os trilhos da Turksiberiana, os que fundaram a cidade de Komsomolsk-sobre-o-Amur. E ainda agora, depois da guerra, muitos seguíam o mesmo caminho.

Tudo isto eu pensava comigo mesmo, não havia com quem me aconselhar, para ele que minha mãe não tinha a permissão. Para ela eu continuava a ser uma criança. Mas decidi por mim mesmo: se vou sair de Gjatisk, então só irei para Moscou. Sem nunca a ter visto, era um enamorado de nossa capital, colecionava postais com fotografias das torres do Kremlin, das pontes sobre o rio Moscovo, dos monumentos. E embora não desenhasse, desejava muitíssimo conhecer a Galeria Tretyakov. Sonhava passar pela Praça Vermelha, reverenciar o grande Lênin.

Sim, podia contar com uma proteção em Moscou lá vivia o irmão de meu pai — Savell Ivánovich, que trabalhava num escritório de construção. Tinha ele duas filhas, Antonina e Lidia, minhas primas, portanto. Quando eu pedia em casa que me permitissem ir para a companhia de meu tio Savell, minha mãe chorou e meu pai, pensativo disse:

— Tomaste uma boa decisão, Iurka. Vai... Ninguém foi para Moscou ainda.

Os professores aconselharam: é preciso, antes, terminar a sétima classe (!). Mas eu já tinha tomado a decisão de não modificar meu plano. Pus-me a caminho. No trem fiquei preocupado: como me receberiam em Moscou? Meu tio vivia a mais em sua família. Mas me receberam bem, eu diria mesmo muito bem. Alegrou-se muitíssimo as duas irmãs, minhas primas.

(*) É o que se chama na URSS curso secundário incompleto. Mas três anos permitem o curso secundário completo, que precede a universidade (N. do T.)

20

Nos primeiros dias me mostraram a capital, com todas as suas belezas, e depois Tônia me acompanhou até a Liubertiz, onde se encontra uma fábrica de máquinas agrícolas Ai, numa escola oficial, alistavam-se os jovens. Ainda em Gjatisk eu tinha decidido ir estudar para torneiro mecânico e, em último caso, para serralheiro. E descontinua ali o seguinte quadro: tanto para uma como para outra profissão só admitiam quem tivesse concluído a sétima classe. E eu só tinha feito seis classes; dava vontade de chorar!

— Não fique triste, rapaz! disse-me o diretor da escola. — Podemos te alistar como fundidor... Já viu em Moscou a estátua de Puchkin? Pois, meu irmão, é obra dos fundidores.

Este argumento foi decisivo para mim e de coração eu concordei: fundidor, sim, fundidor.

Os exames não foram difíceis. Eu passei e fui inscrito na oficina. Pela primeira vez na vida vesti um uniforme: um casquete com o emblema do operário na aba, uma túnica bem cortada, calças, botinas, um capote, um cinto com fivela brilhante. Tudo de acordo com o modelo, tomadas as devidas medidas. E nesse mesmo dia, com os últimos niquéis que me restavam, tirei uma fotografia. Recebia-a e não acreditava: seria eu mesmo? Naturalmente, enviei a fotografia imediatamente para casa e para os amigos: vejam, meninos, admirem, como eu fiquei, parecendo um oficial.

Alguns dias depois, mestre Nicolai Petróvitch Krivov conduziu-nos à fábrica. Nicolai Petróvitch nos disse que as máquinas lá fabricadas podiam ser encontradas no campo, em qualquer parte da União Soviética. E imediatamente eu me lembrei de que em nossa aldeia havia máquinas com a marca da fábrica de Liubertiz.



21

22

Para começar, o mestre nos levou à oficina mecânica. Vimos ali muitas máquinas e, naturalmente, não compreendíamos ainda a que se destinavam. Mas logo depois Nicolai Petróvitch nos conduziu ao local de nosso futuro trabalho — a oficina de fundição. Ali, fomos verdadeiramente confusos: por toda parte fogo, fumaça, ruído de metal em fusão. E em toda parte operários, com roupas apropriadas, trabalhando.

— Ah, são os novatos que chegam — disse um operário da equipe, bigodudo; — olhem, habituam-se a lidar com o fogo. — E acrescentou com orgulho: O fogo é forte, a água é mais forte do que o fogo, a terra mais forte do que a água, mas o homem é mais forte do que todos!

Todos nós estávamos intimidados, pois qualquer coisa precipita-se do alto, golpeia, esmaga. Ou derrama-se metal fervente, que escorre. Temia por Nicolai Petróvitch, procurava não me afastar dele nem um passo.

A seguir, o mestre nos levou à oficina de fundição mecânica. Ai, fundia-se com ferro branco peças pequenas e médias para máquinas. Vimos o forno térmico, mostraram-nos a produção de metal destemperado, explicaram-nos como o metal quebradinho transforma-se em ferro viscoso, maleável. E, coisa estranha, no fim do dia estávamos habituados com a usina e já não nos intimidávamos como a princípio.

Dentro em breve eu era enviado a trabalhar no torno mecânico. Ensinavam-me modelagem. Junto ao torno movia-se a esteira-rolante. Fazíamos moldes, colocávamos as barras, cobríamos o molde e punhamos na esteira. No fim do dia chegava o mestre. Pegava-nos pela cabeça e perguntava:

— Que se passa, queridos camaradas, estão eliminando totalmente os defeitos?

23

Nos colocávamos as barras não bem ajustadas, e, naturalmente, ocorreram defeitos. O mestre ensinou a cada um de nós como devíamos trabalhar. No dia seguinte as coisas correram bem.

Vivíamos, nós, alunos da escola oficial, numa casa coletiva, uma casinha de madeira. Nossa habitação, destinada a 15 pessoas, ficava no segundo pavimento. Davamo-nos bem uns com os outros, como amigos. Tudo estava em ordem: deixávamo-nos e nos levantávamos às mesmas horas, íamos juntos para a sala de refeições, onde a alimentação era gratuita, e juntos saíamos ao cinema, ao estádio, que ficava justamente ao nosso lado.

Nós, jovens aprendizes, éramos românticos. Constantemente estávamos a discutir sobre heroísmo, opinávamos que os feitos podem ser os mais diversos. Uns reclamam do homem decisão instantânea, a escola entre a vida e a morte. A semelhantes feitos nós ligávamos os nomes de Nicolai Gastello e Alexandre Matrossov.

Mas nos agradavam mais os feitos sobre os quais dia o povo: a vida inteira é um feito ininterrupto! Isto significa que o homem condicionou toda a sua vida a um único e fundamental objetivo e luta por ele, incessantemente. Um claro exemplo, neste sentido, é a vida de Vladimir Ilitch Lênin.

Lemos todos os livros dedicados a Lênin existentes em nossa biblioteca.

Interessava-nos a atividade revolucionária de Artlem, empolgava-nos a biografia de Frunze. Condenado à morte pelo tribunal zarista, Frunze, no cárcere, estudou sozinho línguas estrangeiras, na esperança de que ainda lhes seriam úteis. E lhes foram realmente úteis, pois ele escapou da prisão. Verdadeiramente, Frunze conhecia "uma só, mas uma paixão ardente". Até hoje me lembro das palavras de Mikail Vassilievitch, lidas por nós em voz alta na habitação coletiva: "Nós, condenados à morte,

24

habitualmente, não dormíamos até às 5 da manhã, ouvíamos cada sussurro... Eram horas trágicas. Nesses momentos nos olhos de todos vislumbrava-se a força. De camaradas tranquilos ouviam-se estas palavras: Adeus, vida! Liberdade, adus! Além do ruído das correntes e das grilhetas, somente o silêncio, o silêncio. Depois, as portas de ferro da prisão fechavam-se, e tudo era silêncio. O pessoal sentava-se e tentava adivinhar: "De quem será a vez amanhã à noite? O quinto já se foi". E algumas lágrimas".

Recordo estas palavras emocionantes para que a juventude saiba: a luta revolucionária da velha geração exigiu vítimas e constante heroísmo.

Eu gostava da oficina. Já não invejava os torneiros. Discutia-se sobre o trabalho. Agradava-me levantar aos primeiros sons da sirena e tomar banho frio, sair à rua, meter-me na torrente de operários, dirigir-me ao pátio da usina. Segue sempre orgulhoso para o trabalho. Cada dia este orgulho aumentava: os mais velhos, operários qualificados, conversavam comigo, aprendiz, como se fosse um igual. E um dia recebi os primeiros vencimentos. Não era muita coisa, naturalmente ao todo uns trinta rublos. Mas era o primeiro salário ganho com o meu trabalho. Enviei metade à minha mãe em Gjatisk, para os gastos domésticos. Desejava muito ajudar a família, sentir-me como um adulto.

Na escola de aprendizagem da usina estudávamos ao mesmo tempo a teoria e a prática. Devo reconhecer que a rapaziada não gostava muito de estudar. Eram mais atraídos pelos trabalhos de moldagem, pela fundição do metal. Mas nós tínhamos um mestre, baixotinho assim, um velhinho modestíssimo. Infelizmente esqueci seu nome. Ele ensinava desenho de planos. Certa vez ele me deu para desenharmos uma determinada peça, depois outra, depois uma terceira. Peça cada vez mais complexa. Interessava-me para que no fim de contas desenhasse

25

e pudesse compreender desenhos complexos. Sabia que isto me seria útil de futuro.

Embora estudasse, queria estudar mais e mais. Apanhava livros técnicos na biblioteca e lamentava que o dia tivesse apenas 24 horas. O tempo era escasso. Tinham sido anos perdidos aqueles sob a ocupação fascista. E sonhava concluir um curso técnico qualquer, passar ao Instituto, formar-me como engenheiro. Mas, para a matrícula no Instituto exigiam instrução média. Juntamente com meus companheiros Timofei Tégugúnov, também de Smolenschina, e Alexandre Petúchov, da região de Kaluga, matriculamo-nos na sétima classe da escola noturna n.º 1 de Liubertiz. Ajudávamo-nos mutuamente, sempre, os três.

Era bastante difícil. Tinha que trabalhar na usina, frequentar as aulas teóricas, coordenando-as com o estudo da sétima classe. Os professores eram bons; sempre tive sorte com os professores.

Estudei todo um ano. O ano letivo de 1950/51 foi para mim confuso e inquieto. Tinha que me dobrar.

O professor, ao observar que eu queria estudar mais e mais e que não abandonaria o estudo enquanto não me instruisse, propôs-me ir continuar o curso na Escola Técnica de Cultura Física de Leningrado. Entre os operários da usina me recomendava como bom esportista, ainda que não ocupasse os primeiros lugares nas competições.

Passel numa prova de seleção em Mítsch, fiz os exames finais com nota ótima e regressi a Liubertiz. E ai me diziam: Rapaz, tu podes ingressar no Instituto Técnico Industrial de Sarátov para especializar-te em fundição.

— Quanto ao esporte — acrescentavam — pode-se praticar em qualquer lugar...

E realmente. Cada esportista, qualquer que seja a sua maestria, deve ter uma especialidade e ocupar-

26

-se também na produção. Não se trata do homem para o esporte, mas do esporte para o homem.

Tégugúnov, Petúchov e eu dirigimo-nos ao diretor da escola oficial e pedimos nossa transferência para o Instituto Técnico Industrial de Sarátov. Ele nos atendeu de bom grado. Recebemos uma passagem grátis, tomamos o trem e seguimos em direção ao Volga.

Sarátov nos agradou. Lá chegamos em agosto. Ficamos numa residência coletiva à Rua Mitchevich, n.º 21, e seguimos diretamente para o Volga. A margem desse belo rio nasceu o grande Lênin. Admiramos demoradamente o largo Volga, atraídos pela rapidez de sua corrente, pela sua imensa amplitude. O quadro se harmonizava com nosso estado de ânimo, pois iniciávamos uma nova vida, uma vida ainda inédita para nós, tornávamo-nos universitários.

Todos os que vinham cursar a escola técnica tinham uma preocupação: os exames. Mas nós, que vinhamos de Liubertiz, não precisávamos prestar exames. Naturalmente, exigia-se que fizéssemos provas em prática de produção. Mas cada um de nós tinha cinco classes de modelagem de fundição e, assim, passamos perfeitamente. Em geral, as provas foram todas boas, uma vez que a maioria dos futuros estudantes que vinham para a escola técnica já haviam passado pela prática da produção. Muitos eram mais velhos do que nós, alguns mesmos eram mestres que vinham receber instrução técnica secundária.

Ao sermos admitidos na escola técnica, o Diretor nos disse:

— Estudantes, por enquanto, vocês, até se inclinarem as aulas, vão às cooperativas agrícolas ajudar na colheita...

27

Entramos em caminhões e viajamos oitenta quilômetros além de Sarátov, em direção aos colcozes. Ai, batia-se o trigo e enviavam-no para os silos em Ekaterinovka. Trabalhamos durante duas semanas, recebemos os agradecimentos da direção do colcoz e com os mesmos motoristas voltamos à cidade.

Iniciaram-se as aulas na escola técnica, que se localizava na Rua Sacco e Venzetti. A situação aqui, naturalmente, era muito mais séria do que na escola de aprendizes da oficina. E as exigências mais rígidas e uma base de estudo mais sólida: laboratórios, bibliotecas e os gabinetes para as diversas especialidades. Nossa turma era composta de 35 alunos, procedentes de diferentes cidades da União Soviética. Entre eles alguns comunistas, outros condecorados por sua participação na Grande Guerra Patriótica, casados, pais de filhos. Todos vinham sérios por conhecimentos, ansiosos por se tornarem ainda mais úteis a seu país.

Inicialmente, os novos conhecimentos eram adquiridos com dificuldades. Alunos que tinham vindo da escola do partido tiravam nota 2 fazendo grandes esforços. Nós conseguimos um 3 — Petúchov, Tégugúnov e eu — acucinando as pestanas: e tudo ainda estava fresquinho na memória. Chamavam-nos os "inseparáveis moscovitas", e frequentemente vinham nos pedir ajuda e nós de bom grado ajudávamos os camaradas a resolver os problemas difíceis. Alguns estudantes não iam bem nas matemáticas. Pois nesta matéria, deixar de frequentar duas ou três aulas, aprender mal qualquer fórmula ou regra, tudo isto influiu na marcha do estudo. Quanto a nós três, todos gostávamos de matemática. Compreendíamos que em nossa época, no século do átomo, não se pode viver sem matemática. Tudo se fundamenta em cálculos precisos. Cada um sonhava adquirir uma tábua logarítmica.



29

Na escola técnica dominava o espírito da compreensão entre camaradas. Nós, jovens, observávamos como se conduziam os mais velhos, ouvíamos suas opiniões, tentávamos imitá-los. "Ainda que morra, socorre teu camarada" — diziam às vezes os antigos combatentes. Eles tinham algo de já conhecido, que nos era próximo. Em cada um deles eu encontrava traços daqueles dois aviadores que tive a oportunidade de ver nos primeiros dias da guerra, na aldeia, e que então haviam encantado minha fantasia pela grandeza de seus vocações. A escola técnica foi para mim, como para todos os membros do Komsomol, não só uma escola onde se adquiriam conhecimentos, mas também uma notável escola da vida.

Entre os estudantes revelava-se cada dia maior o gosto pelo estudo. As notas 2 gradativamente foram eliminadas e posteriormente desapareceram quase por completo. Nas horas livres praticávamos muito esporte, organizamos uma equipe de basquetebol. Quando ainda me encontrava na escola oficial, afeiçoara-me a este jogo vivo e rápido. Nossa equipe participava de competições urbanas e ocupava o primeiro lugar entre as escolas técnicas de Sarátov. Durante o inverno, 4-5 vezes na semana treinávamos numa sala de esporte. Eu tinha um amigo: Tólia Vinográtov. Ele era atraído pelo esqui, mas eu preferia o basquete. Esquiava, naturalmente, mas não tanto e tão frequentemente como outros.

Na residência coletiva, eu ocupava um quarto juntamente com 14 outros alunos. Vivíamos amistosamente, sem atritos. Pelas noites, com frequência jogávamos xadrez: chegávamos mesmo a organizar torneios. Mas eu não participava deles: por mais movimentado que fosse o jogo, eu não podia sentar-me durante horas no mesmo lugar.

A nossa bolsa de estudo não era elevada: 50 rublos por mês no primeiro curso e 100 rublos no

30

último. Embora tivéssemos calçado, roupa, alimentação por conta do Estado, era necessário manter o orçamento rigorosamente na ponta do lápis. No entanto, encontrávamos meios para frequentar o teatro e o cinema. Existe em Sarátov um bom teatro de ópera. Foi lá que assisti Russalka, de Dragomirski, a Carmen, de Bizet, A Dama de Espadas, de Tchaikovski. Uma grande impressão me causou a ópera de Glínka Ivan Sussánin. Assistindo ao espetáculo, parecia-me estar eu mesmo no palco, lutando com o povo russo contra os inimigos da Pátria.

Íamos mais frequentemente ao cinema. Habitualmente, acompanhados, pois na escola técnica também estudavam músicas. Depois de cada filme, trocávamos, sem falta, nossas opiniões, discutíamos. Agradei-me o filme História de um homem de verdade, baseado no romance de Boris Polevói. Vi-o várias vezes e mais de uma vez li o romance, onde se mostra com tanto vigor o espírito do homem soviético. Alexei Maríessiev — o herói da História de um homem de verdade (*) — era para mim como os amados heróis de Jack London e ainda mais próximo pelo espírito e as aspirações. Com frequência, imaginava a mim próprio como me comportaria em situações tão difíceis como Maríessiev. Desde a infância, gostava de A Véspea, de Lilian Voinich. Era a personagem querida da meninada. Eu lia: "No peito, ele trazia oculto um lenço, que tinha sido perdido por Montanelli. Ele cobria de beijos esse lenço e sobre ele chorou a noite toda, como se fosse um ser vivo..." E tinha diante de mim o lenço oculto, sentia-o umedecido de lágrimas, ouvia claramente os disparos dos soldados, que atiravam contra a Véspea.

(*) Este romance foi editado no Brasil sob o título O HOMEM DE VERDADE, Ed. Vértice (N. do T.)

(Continua no próximo número)